

Investigações arqueológicas na região de Sesimbra

Resultado das campanhas realizadas pelo Centro
de Estudos de Etnologia Peninsular

POR

EDUARDO DA CUNHA SERRÃO

A Câmara Municipal de Sesimbra e uma instituição cultural denominada «Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra», sabendo-me colaborador do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, convidaram-me, em 1955, para que eu procedesse a investigações arqueológicas no «Castelo» e em quaisquer outros locais da região que pudessem ter interesse.

Transmiti imediatamente o convite que me fora feito ao ilustre presidente do referido Centro de Estudos, o Ex.^{mo} Sr. Professor MENDES CORRÊA, que deu todo o apoio ao desejo das referidas instituições e apresentou à Junta Nacional de Educação um programa de trabalhos que eu lhe entregara em 15-4-56. Tal programa mereceu da Junta parecer no sentido de que seria de «interesse científico nacional e local» que se realizassem tais investigações e foi homologado por Sua Ex.^a o Ministro da Educação Nacional. Nesse mesmo ano — 1956 —, iniciei então alguns estudos e pesquisas cujos resultados objectivos, que hoje — Fevereiro de 1958 — se podem avaliar, constam deste trabalho, que considero incompleto, pois carece de futuras correcções, especialmente daquelas que resultem do prosseguimento das prospecções que estão apenas numa fase inicial.

Estou certo de que todos os sesimbrenses compreensivos sentem como uma iniciativa desta natureza, que — ao contrário do que é habitual entre nós — nasceu na própria região, pode exprimir o elevado expoente intelectual da sua *élite*. Tal iniciativa pertenceu principalmente ao Ex.^{mo} Sr. Eng. J. Braz Roquete, Presidente da Câmara

Municipal e membro da «Liga», e a sua concretização, ao Ex.^{mo} Sr. Professor MENDES CORRÊA, que deu forma e, por intermédio da instituição científica a que preside, realização a mais uma série de investigações cujos frutos transcendem o simples quadro da arqueologia de uma região.

*

* *

Os resultados objectivos a que me referi conduzem-nos a um conceito principal que, desde já, acentuarei: ao contrário do que se julgaria anteriormente a 1956, a região de Sesimbra é de grande interesse arqueológico para o estudo das várias culturas que floresceram em Portugal, nos últimos tempos pré-históricos e na proto-história, pois vemos hoje expressivos indícios de que em tais épocas nela se fixaram vários povos. Mas, há dois anos, poderíamos, de facto, pensar de maneira diferente, porque os únicos dados arqueológicos concretos que possuíamos sobre o passado da região, nos tempos ante-históricos, diziam respeito a épocas muito recuadas. Esses dados eram os materiais paleolíticos recolhidos por CARLOS RIBEIRO em estações mais tarde estudadas profundamente por H. BREUIL e G. ZBYSZEWSKI. As indústrias reveladas em tais estações e noutras, descobertas pelos dois referidos arqueólogos franceses — indústrias do abbevillense; acheulense; levalloisense; musteriense; languedocense, etc., algumas acusando o tipo lusitano — transportavam-nos aos mais antigos tempos da velha idade da pedra.

Quanto aos concheiros de Albufeira, de CARLOS RIBEIRO, sobre cujas indicações arqueológicas ainda hoje há dúvidas, mesmo que se confirmasse a cronologia que lhes tem sido atribuída, dariam, desde o longínquo paleolítico até aos tempos históricos, um momento de presença humana, isolado, talvez, nos alvares do neolítico.

Mas, determinadas circunstâncias levavam a admitir que as épocas mais recentes da pré-história não teriam sido no sudoeste da Península de Setúbal um longo período de solidão. Como indicações em tal sentido, tínhamos, em primeiro lugar, o aparecimento, em vários locais, de alguns instrumentos de pedra polida; de raros sílices de tipologia menos arcaica (CARLOS RIBEIRO); de três machados de bronze encontrados próximo de Alfarim, citados por LEITE DE VASCONCELLOS e H. N. SAVORY, e ainda umas vagas referências a hipotéticas antas — Sampaio e Azoia — segundo RASTEIRO. Porém, nenhum dos referidos

achados provinha de uma estação definida que tivesse sido devidamente estudada.

Por outro lado, as condições geo-económicas da região não seriam nesses tempos de tal modo diferentes das de hoje, que pudéssemos admitir ter-se aí criado um deserto, especialmente no pleno-eneolítico, quando, tão próximo, nas vizinhanças dos estuários de dois grandes rios — o Tejo e o Sado —, se desenvolveram brilhantes e afamados focos de cultura. Pelo contrário, tudo leva a crer que constituiriam já incentivo para a fixação de populações, não apenas de colectores de alimentos, que, nesta região, além de caça suficiente e pesca abundante, encontrariam facilidades para uma vida agrícola e de pastorícia. Um clima com características especiais e favoráveis, simultaneamente, proporcionaria as possibilidades referidas e convidaria a uma vida sedentária, especialmente na zona meridional, onde se registam as maiores altitudes e onde abundam principalmente os terrenos do jurássico e cretássico, oferecendo menos atractivos para tal as zonas baixas e arenosas do plioceno que se estendem para o norte.

Com o decorrer dos tempos, além das riquezas básicas que citei, outras viriam a ser apreciadas: os metais. Ora, precisamente alguns daqueles que tornaram a Península Ibérica tão procurada na antiguidade por estrangeiros, o ouro, o cobre, estanho e o ferro, estão representados na região de Sesimbra. Não quero dizer que este minúsculo compartimento da Península, que avança pelo Atlântico como uma das últimas terras do mundo antigo, fosse uma miniatura do El-Dourado ibérico, onde povos navegadores do Mediterrâneo oriental, mais tarde romanos e cartagineses, obtiveram quantidades fabulosas de ouro, estanho e outros metais. Mas é de admitir que o ouro, que abunda nas areias ao norte do cabo da Malha, na fonte da Telha — Adiça — cuja exploração, nos tempos históricos, ficou célebre, ou ainda na Fonte da Califórnia, já seria aí procurado intensivamente nos últimos tempos pré-históricos e na proto-história, e, para servir algumas necessidades locais, se tivesse lançado mão de alguns minérios dos restantes metais referidos, que também não faltam na região — entre a Lagoa e o Cabo Espichel, Azoia, Caneiro, Cabo da Malha, etc.

Todas estas faculdades teriam dado vida mais intensa à zona onde, em resultado de condições geográficas privilegiadas, convergiam os seus efeitos, especialmente nos tempos proto-históricos, quando se intensificava o contacto, por via marítima, com os povos navegadores e comerciantes do Mediterrâneo; e cada vez mais, a partir de então. A zona que continha essas condições era, como ainda hoje, aquela onde se

encontram Sesimbra, Santana e o Castelo, porque é aí que, através do único vale que quebra a inacessibilidade da abrupta costa, se estabelece fácil contacto entre a Terra e o Mar. Sesimbra, com a sua piscosa e abrigada enseada, e Santana são as portas desse corredor natural de ligação. O monte do Castelo, sobranceiro, seria por séculos e séculos admirável posição para defesa do conjunto.

De facto, não foi nessa zona privilegiada que eu colhi os melhores elementos comprovativos do estabelecimento, na região, de povos das últimas épocas pré-históricas. Alguns achados, feitos principalmente nos arredores de Santana, falam-nos mais de populações proto-históricas, de cuja presença não havia, antes de 1956, quaisquer sintomas arqueológicos evidentes. Os documentos de que hoje dispomos a seu respeito, serão ainda pouquíssimo, mas, cientificamente, são mais significativos do que aqueles que possuíamos há dois anos. Dizia-se que os cempses (celtas, segundo SCHULTEN e BOSCH) foram os habitantes proto-históricos de Sesimbra, cujas tribos é bem lógico que tivessem chegado até ao Cempsicum Jugum — o promontório «Barbarion» dos romanos — ; que a povoação havia sido fundada por bérrios, sárrios (pré-celtas, segundo opiniões de pouca confiança) ou pelos galo-celtas. Continuamos ignorando os nomes dos povos que então colhiam, nos campos da região sesimbrense e no seu mar, as riquezas indispensáveis à sua sobrevivência. Mas — e o que é muito mais — vemos já os seus autênticos restos ósseos, as suas sepulturas e os seus artefactos.

*

* * *

As estações recentemente encontradas (Ver II a V da Estampa), que me deram elementos para este estudo, são:

Necrópole do Casalão — situada nos montes do Casalão. Até hoje, pude estudar 5 sepulcros cujas características adiante descreverei. Foi encontrada quando, em Março de 1956, se efectuava a ampliação de um depósito de águas próximo de Santana.

Lapa do Fumo — Gruta que se abre nos calcários do Jurássico da costa entre Sesimbra e o Cabo Espichel, a cerca de 190 m de altitude. Mede aproximadamente 70 m de comprimento. Revelou-se estação arqueológica de grande interesse, quando, em Agosto de 1956, a visitei pela primeira vez.

Lapa do Bugio — É outra gruta, esta muito pequena, situada muito próximo de Azoia, também na parte alta da costa. Foi encontrada, em

Outubro de 1957, pelo Ex.^{mo} Sr. Rafael Alves Monteiro. O seu achado e futuro estudo estão fora do quadro das investigações do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, mas não poderei deixar de a referir neste trabalho porque o seu achador e colaboradores — Ex.^{mos} Srs. Dr. Manuel Cabrita Ribeiro da Cruz e Duarte Ramos Mafra — me convidaram a orientar uma primeira sondagem, missão a que me presetei na qualidade de colaborador da referida instituição.

Necrópole do Calhariz — Situa-se a cerca de 1 km a NE do palácio do Calhariz e foi encontrada, em princípios de Janeiro de 1958, quando um tractor lavrava os terrenos do local. O Ex.^{mo} Sr. Marquês de Monfalim, que se mostrou muito interessado pelo achado, feito na sua propriedade, manifestou concordância com uma exploração metódica do local, a efectuar oportunamente.

*
* *
*

Descreverei agora, sucintamente, os conjuntos arqueológicos que definem as diversas culturas reveladas durante as sondagens e escavações efectuadas nas estações referidas. Antes, porém, acentuarei que tais conjuntos não são grupos de materiais constituídos por peças em condições de jazida diversas que eu tivesse reunido arbitrariamente porque manifestavam afinidades tipológicas entre si. Em cada conjunto, nota-se, de facto, que há semelhanças tipológicas predominantes entre os materiais que os formam, mas ainda (e só assim teria significado a sua individualização) distingue-se de qualquer outro conjunto, em consequência da sua posição estratigráfica ou suficiente afastamento (as sondagens e escavações obedeceram às regras técnicas indispensáveis). Só em casos excepcionais que referirei, a pureza dos conjuntos se mostrou mais duvidosa.

Quanto à cronologia exacta de cada cultura assinalada, dado que falaria mais eloquentemente sobre os vazios que já é possível preencher, convém manter certas reservas, aliás aconselháveis sempre que se trate de tal problema. Isto, porque é excepcional que o arqueólogo enfrente casos clássicos — uma cultura puríssima, colocada na região da sua origem onde, com mais probabilidades, evoluiu normalmente e tem cronologia já estabelecida. Mais frequente é depararem-se-nos culturas adulteradas por influências de outras, cujos elementos que as definam provêm de regiões por onde se expandiram e onde chegaram, em épocas

diferentes, a cada uma dessas regiões. Destes fenómenos resultam desfigurações tipológicas, misturas e aparentes anacronismos estratigráficos.

Acresce que a perduração de alguns elementos de determinada cultura, quando não de quase todos, pode ter sido enorme, especialmente nas regiões onde, como neste extremo ocidental do mundo antigo, as ondas culturais das novas civilizações distantes chegavam atrasadas e esbatidas, nem sempre já com força bastante para apagarem totalmente arcaísmos enraizados. Outras vezes, essas culturas, vindas de longe e uma vez isoladas das regiões de origem, evoluíram noutro sentido, ou mesmo não evoluíram.

Portanto, sobre a cronologia das culturas de que vou tratar, eu poderei admitir que se instalaram na região em épocas tardias e que algumas teriam aqui perdurado bastante, fenómenos que perturbarão, certamente, como acontece noutras regiões, as respectivas cronologias clássicas. Observarei, no entanto, que a representação de várias, segundo uma sequência evolutiva lógica, conduz evidentemente à hipótese de ocupações da região em várias épocas; e só excepcionalmente a perduração excessiva de uma ou outra terá dado origem a um encontro ou coexistência, por longo período, com a imediatamente mais evoluída. De resto, a estratigrafia permitiu que, em bastantes casos, se observassem cronologias relativas de acordo com o grau de evolução das culturas distinguíveis e esta circunstância vem reforçar a noção de um escalonamento por épocas e não de uma acumulação de elementos culturais diversos, aqui chegados tardia e quase simultaneamente.

I — *Cultura atribuível aos primeiros tempos do neo-eneolítico peninsular (Fig. 1)*

Na Lapa do Fumo, numa espécie de nicho natural, formado por estalactites e estalagmites, a 65 m da entrada, encontrei, sob uma capa estalagmítica, um conjunto arqueológico, constituído por ossos e dentes humanos, cerâmica não decorada, alguns trapézios de sílex, instrumentos de pedra polida de secção transversal circular (apenas uma enxó é de secção transversal sub-rectangular) e cabos de instrumentos, de osso.

A tipologia destes materiais é bastante arcaica, podendo sugerir comparação, por exemplo, com os da estação da Quinta das Lages (Ota), que o Ex.^{mo} Sr. Professor MENDES CORRÊA considerou neolíticos. A ausência de cerâmica decorada, de armas e utensílios de sílex evoluídos e de quaisquer objectos de cultô ou magia tão frequentes em

conjuntos de épocas posteriores, reforça a ideia do arcaísmo do referido conjunto da Lapa do Fumo. Apenas a enxó de secção transversal sub-rectangular é uma nota discordante.

PERICOT considera de duvidosa cronologia neolítica antiga a estação da Quinta das Lages, entre outras, e é possível que este conjunto da Lapa do Fumo seja ainda menos antigo. Poderei tomá-lo como restos de uma cultura anterior ao pleno-eneolítico, talvez de uma época que caberia nos últimos tempos do neolítico da escola clássica ou seja nos primórdios do neo-eneolítico de ALBERTO DEL CASTILLO, entendendo-se por neo-eneolítico, segundo o referido professor espanhol, uma época que iria de 3000 a 2500 A. C.

II — *Cultura análoga à das Antas Alentejanas (Fig. 2)*

A Lapa do Fumo foi necrópole de povos de várias culturas. Assim e especialmente nas proximidades da entrada, junto a um muro arruinado, cujo significado se relaciona certamente com a utilização funerária que foi dada à gruta em diversas épocas, encontrei em camadas profundas — 45 a 50 cm —, conjuntos que têm analogias com os da chamada cultura das antas alentejanas, cuja expansão, no que respeita a alguns dos seus elementos, teria, portanto, chegado até esta região litoral.

A evolução de tal cultura, segundo LEISNER, decorreu no terceiro e segundo milénios A. C., parecendo-lhe verosímil que, nas regiões mais afastadas das novas correntes, se tivesse conservado até ao fim do segundo milénio A. C., portanto quase até ao início da idade do ferro. Não posso ainda avaliar até que ponto essa cultura teria perdurado nesta região, mas, tanto na Lapa do Fumo como na Lapa do Bugio, onde há conjuntos semelhantes, não vi que os materiais se misturassem com outros cuja tipologia nos sugerisse épocas muito avançadas.

Os conjuntos em causa são constituídos por cerâmica grosseira e não ornamentada, grandes lâminas e trapézios de sílex, instrumentos de pedra polida de secção transversal circular ou oval, e as características placas-ídolos de ardósia trapezoidais e mesmo de contorno recortado, com uma ou duas perfurações, cujo significado se tem prestado a tantas interpretações e comparações; semelhantes aos «blocs-figures égyptiens» ou «aux idoles d'argile du premier cyprite», segundo CHILDE; estilizações de uma divindade feminina do eneolítico, talvez de rosto tatuado que, sob aspectos variados, apareceria também representada em França, na Itália, na Dinamarca, em Creta, Issarlik, etc. —

MENDES CORRÊA; representação do próprio indivíduo sepultado, conforme o *Ka* da religião egípcia; efígie de uma deidade composta por vários símbolos de civilizações do Mediterrâneo oriental e das culturas dos primeiros agricultores ocidentais — LEISNER e outros autores.

Como manifestação de influências estranhas, em meios em que predominam artefactos congêneres com formas tão originais — os referidos ídolos-placas de ardósia —, fazem parte destes conjuntos dois ídolos de osso, um do tipo clássico almeriense (Bugio), tipo que, segundo LEISNER, melhor se inclui no quadro geral dos ídolos orientais; outro, com a cabeça e ombros arredondados (Fumo), este, pela sua forma muito especial, recordando bastante alguns pequenos ídolos do círculo cultural de Tróia e do Egeu.

Os esqueletos correspondentes ao referido espólio aparecem em abundância junto às paredes das grutas (Fumo e Bugio) carecendo de um estudo antropológico a fazer oportunamente pelo Ex.^{mo} Sr. Prof. MENDES CORRÊA, que, obsequiosamente, acedeu a um pedido meu nesse sentido.

III — *Cultura cuja cerâmica é semelhante à da camada ante-campaniforme de Olelas (Fig. 3)*

Também na Lapa do Fumo, numa cavidade junto à parede NE, a 45 m da entrada, encontrei alguns restos ósseos e dentes humanos e parte de dois vasos com asas de apêndice perfuradas e decoração incisa a que chamarei «folhas de acácia». O seu aspecto, em forma de saco, recorda alguns exemplares de Trez Cabezos da 2.^a fase neolítica de SIRET, alguns dos quais, como estes da Lapa do Fumo, têm asas perfuradas um tanto semelhantes. CHILDE, por sua vez, vê analogias entre estas formas almerienses e as das cerâmicas de Fayoum e Merinde.

Certos indícios levam-me a crer que esta cerâmica é peculiar a uma cultura diferente daquela que referi anteriormente e mais antiga do que a ibero-sahariana do Bronze Mediterrâneo I, porque:

1.^o — Não tenho conhecimento de que alguma vez aparecesse em conjuntos atribuíveis à cultura das «antas alentejanas» e aqui, na Lapa do Fumo, também não se confunde com quaisquer dos seus elementos;

2.^o — Em trabalhos levados a efeito em Olelas, de colaboração com o arqueólogo Ex.^{mo} Sr. Eduardo Prescott Vicente, verificámos que exemplares idênticos apareceram numa camada B, situada em nível inferior àquela — A — que nos ofereceu o estilo campaniforme.

Por sua vez, este último estilo estava absolutamente ausente na camada B.

Na Lapa do Fumo, apenas se acentua que não é elemento de qualquer das outras culturas referidas neste estudo, pois em mais parte alguma a encontrei. O seu relacionamento com quaisquer outros utensílios ou armas que dessem elementos cronológicos a favor de certo arcaísmo, como aconteceu em Olelas, não se verificou na Lapa do Fumo, pois os dois vasos em causa apareceram num só local, desacompanhados de quaisquer artefactos.

Em qualquer caso, é evidente que se trata de uma cerâmica com características de certa originalidade, parecendo-me provável que seja em Portugal um elemento da cultura hispano-mauritana, cronologicamente anterior à ibero-sahariana do Bronze Mediterrâneo I.

IV — *Cultura ibero-sahariana, do Bronze Mediterrâneo I (Fig. 4)*

Nas Lapas do Fumo e do Bugio, apareceram conjuntos de uma cultura eneolítica no seu máximo apogeu com elementos novos e mais evoluídos, entre os quais figura a cerâmica do tipo campaniforme. Na Lapa do Fumo, encontrei mesmo exemplares do vaso campaniforme e da taça de Palmela. No Bugio, o vaso campaniforme apareceu associado a artefactos de sílex de trabalho perfeito, especialmente representados por pontas de seta de base côncava, cilindros de calcário com ornamentações, utensílios de pedra de secção transversal sub-retangular, alfinetes de osso, contas de colar de diversos materiais (incluindo a calaite), etc. Também nesta gruta, apareceu mais uma pequena escultura zoomórfica de osso, representando dois coelhos. Estas peças são frequentes nas estações do litoral português, especialmente em grutas. Os dois coelhos, como num exemplar de Cascais, estão unidos por um único par de pernas traseiras, mas a peça de Sesimbra tem a original particularidade de possuir três argolas para suspensão, na extremidade dos dois pares de pernas dianteiras e do único par de pernas traseiras.

Tanto no Bugio como na Lapa do Fumo, como acontece em tantas outras estações portuguesas, nota-se, por vezes, uma certa interpenetração entre esta cultura do pleno Bronze Mediterrâneo I e aquela a que chamei das «Antas Alentejanas», pois há elementos de uma e de outra e até elementos estranhos a ambas, cuja posição estratigráfica não permite absoluta distinção. Este aspecto poderá muito bem ser o sintoma arqueológico das influências exercidas sobre uma cultura

autóctone, de certa rudeza e originalidade, por outras mais evoluídas e com elementos diferentes (ídolo almeriense e cerâmica campaniforme), oriundas das regiões peninsulares, cujas populações, por via marítima, teriam feito até estas longínquas paragens as suas incursões, em busca de metais ou para as suas necessidades próprias ou para satisfazer as encomendas de outros povos do Mediterrâneo em estádios culturais mais adiantados.

V — *Bronze argárico* (Fig. 5)

No decurso de uma sondagem que fiz quase à entrada da Lapa do Fumo e nas camadas menos profundas, por vezes até à superfície, encontrei bastantes fragmentos de vasos com características peculiares à cerâmica argárica. A sua pasta é negra ou castanha-escura, de boa qualidade, e as paredes dos vasos são delgadas; notam-se que foram polidas nas superfícies exteriores e interiores. Abundam as escudelas e há fragmentos cujos perfis lembram os copos e as tulpas tão características da cerâmica argárica.

Alguns raros artefactos de sílex e pedra polida de tipologia eneolítica que aparecem nas mesmas camadas, podem ser contemporâneos de tal cerâmica, pois, como é sabido, a perduração de alguns elementos da cultura eneolítica na Península vai até bastante longe. Mas também podem provir das camadas inferiores remexidas.

É admissível que esta cerâmica, tão abundantemente representada na Lapa do Fumo, resulte de depósitos funerários de povos da cultura do bronze argárico, mas, para que o pudesse afirmar, careceria de elementos mais concretos, principalmente de restos das típicas grandes urnas-sarcófagos ou de dados que ainda não consegui sobre o relacionamento com a referida cerâmica, dos ossos humanos muito fragmentados que abundam em todas as camadas.

VI — *Idade do Ferro*

Considerarei como sintomas da presença nesta região de povos da idade do ferro, a necrópole do Casalão e talvez ainda alguns achados feitos na Lapa do Fumo — estação extraordinária pela variedade de culturas que os materiais que contém acusam.

Necrópole do Casalão — Os materiais arqueológicos fornecidos por esta necrópole são cinco sepulcros de planta rectangular, constituídos por grandes lajes de calcário — não se tendo notado a existência de

«tumulus» — , onde se fizeram inumações e quatro objectos mais expressivos: de bronze e cobre, uma pequena argola, um fuzilhão de fíbula e uma pinça; de ferro, a lâmina de uma faca (Fig. 6).

Observei que existia um só corpo em cada sepulcro na posição de decúbito dorsal, com excepção do primeiro sepulcro encontrado, onde havia, além de um esqueleto, uma calote craniana de outro cadáver. As cabeças dos cadáveres estavam viradas para o poente.

As quatro peças a que me referi, no seu conjunto podem fornecer-nos alguns dados sobre cronologia, embora qualquer delas seja de tipos usados durante longos períodos. O fuzilhão da fíbula apenas define que a fíbula a que pertenceu era de pequenas dimensões, mas não o seu tipo, o que seria elemento importante, embora, como é sabido, muitas fíbulas peninsulares do tipo hallstático sejam de épocas muito posteriores.

As argolas de bronze que, conforme os diâmetros, foram braceletes ou anéis, aparecem frequentemente nos sepulcros da idade do bronze arçário e a sua perduração em Portugal pode verificar-se em Bensafrim. A argola do Casalão deve ter sido um anel e é semelhante a outra de Bensafrim, onde apareceram várias de diversos diâmetros.

Considero utensílio de *toilette* para depilar, a pinça que referi. Tais utensílios aparecem já nas sepulturas do bronze final e também nas épocas de Hallstatt e La Tène, não sendo, portanto, de estranhar a sua presença numa necrópole onde havia um utensílio de ferro. Em Portugal, apareceram, por exemplo, na necrópole céltico-romana da Herdade da Chaminé.

O utensílio de ferro, o único deste metal encontrado no Casalão, é uma lâmina de faca cuja forma muito se assemelha às encontradas, por exemplo, em Numância, Aguilar de Anguita e Avesac-Prat (Altos Pirenéus). O seu aparecimento dentro de um sepulcro, no mesmo nível onde estava o esqueleto, não é também de estranhar, pois as facas de ferro são muito frequentes nas sepulturas da segunda idade do ferro e mesmo nas da época de Hallstatt.

Os materiais descritos poderiam, quanto a mim, fazer parte do mobiliário de uma necrópole da idade do ferro e não me parece que, considerados em conjunto, sugiram qualquer outra época posterior, por exemplo, romana ou visigótica. Para que assim pensássemos, falta-nos qualquer peça característica de tais épocas: lucernas e moedas romanas ou as típicas fivelas de cinturão, fíbulas e outros utensílios e armas visigóticas.

Vejamos agora se o tipo dos sepulcros e o rito funerário destoam.

De facto, o rito predominante, observado nas necrópoles da Península Ibérica na idade do ferro, é o da incineração que, no entanto, de forma alguma é o normal nas épocas de Hallstatt e La Tène, nos territórios além-Pirenéus. Quanto aos sepulcros, são só por si incaracterísticos de uma época. Mas sepulcros semelhantes — constituição e dimensões — e o mesmo rito funerário — inumação — vemos em Portugal na necrópole de Bensafrim, considerada hoje da segunda idade do ferro post-hallstética, conforme algumas opiniões, e atribuída por BOSH-GIMPERA aos cinetes, povo cuja origem não seria nem céltica nem ibérica, mas autóctone e com características de grande originalidade. O mesmo tipo de sepulcros e de rito funerário observa-se na estação de Monte do Cágado, recentemente estudada e considerada pelo arqueólogo VEIGA FERREIRA necrópole da cultura ibérica. Porém, se entre Santana e Bensafrim há, além destas analogias importantes, algumas semelhanças quanto aos materiais, também há diferenças notáveis, como seja a ausência, na primeira, de inscrições nas lajes dos sepulcros e das contas de vidro tão abundantes na necrópole algarvia. Por isso não utilizarei as referidas analogias para mais que não seja não estranharmos os sepulcros e o rito na idade do ferro e em Portugal.

Quaisquer outros sepulcros que venham a aparecer podem fornecer-nos elementos que nos levem a hipóteses diferentes daquela que formulo presentemente. Porém, com os indícios de que disponho, parece-me bastante provável que a necrópole do Casalão fosse de populações da idade do ferro que, como em Bensafrim, usavam o rito funerário da inumação, não podendo avaliar ainda até que ponto os seus artefactos e usos possam ter perdurado numa região que estava nos confins do mundo desses tempos.

Da *necrópole do Calhariz* conhecem-se quatro sepulcros de planta rectangular, constituídos por lajes de calcário e orientados sensivelmente na direcção SW-NE.

Cito-a nesta altura, apenas em consequência da semelhança entre estes sepulcros e os do Casalão, embora não tenha ainda elementos que me permitam considerá-la da idade do ferro. Só em 15-2-1958 pude visitar o local e apenas vi os sepulcros praticamente destruídos, alguns restos de cerâmica e ossos humanos, espólio salvo pelo Ex.^{mo} Sr. Manuel da Silva Cachão, vice-presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, que, segundo me descreveu, viu ainda um esqueleto no seu sepulcro tendo ao lado, entre o braço direito e o tronco, uma taça fabricada com roda de oleiro e revestida exterior e interiormente de um engobe cinzento escuro (Fig. 8).

Com muito mais probabilidades tratar-se-á de um cemitério luso-romano, hipótese para a qual me inclino, uma vez que o campo onde se situa está juncado de cerâmica muito fragmentada de tipos que sugerem tal época. Se, no decurso das escavações que tenciono efectuar, oportunamente, se confirmar esta suspeita, terá surgido na região mais uma novidade arqueológica, pois da época romana apenas conta com pouco significativos achados dispersos e raros restos de monumentos mal estudados.

Lapa do Fumo — Próximo da entrada e em camadas pouco profundas, por vezes de mistura com a cerâmica de tipo argárico, recolhi exemplares de uma cerâmica muito curiosa e rara nas estações portuguesas que identifica pelo menos dez vasos. A sua pasta é cinzenta escura compacta e bem cozida. As paredes exteriores dos vasos (por vezes as interiores também) foram revestidas com um engobe negro e sobre este foi aplicada uma aguada cinzenta, parda ou ocre. Com um utensílio de extremidade romba (brunidor) fizeram-se traços que retiraram de onde se queria a tinta superficial, ficando à mostra o engobe negro. As ornamentações assim obtidas são geométricas, lembrando algumas, motivos vegetais, folhas largas com nervuras, por exemplo. Alguns dos vasos mostram perfis carenados, destacando-se uma escudela cujas linhas são de grande elegância, sugerindo, principalmente quanto à decoração, os estilos do Minóico primitivo (Fig. 7).

O exemplar mais colorido (amarelo, pardo e negro) pode lembrar, por sua vez, a cerâmica da idade do ferro de Teruel (Barranco de San Cristóbal de Mazaleon) na qual Martins Almagro quer ver influência das cerâmicas do Hallstatt médio e final do Reno e da França que aparece já na cultura de Günlingen e renasce em certos estilos de La Tène.

A presença desta cerâmica na Lapa do Fumo é, por enquanto, de difícil explicação, mas pode ser que tivesse contido incinerações de que aliás não encontrei vestígios. Todos os vasos estavam bastante fragmentados, o que denota remeximentos das camadas menos profundas, que teriam dispersado os seus prováveis conteúdos. Mas seriam vasos de fabrico demasiadamente esmerado para admitirmos que tivessem sido levados para a gruta por qualquer motivo fortuito. Não menos difícil é atribuir-se-lhe uma cronologia segura. Dado que é característica da cerâmica da idade do bronze a ausência de decoração, e atendendo a certas semelhanças, que referi, com cerâmicas da idade do ferro, até prova em contrário, inclinar-me-ei no sentido de que pertenceria a povos dessa idade (ferro).

*

* *

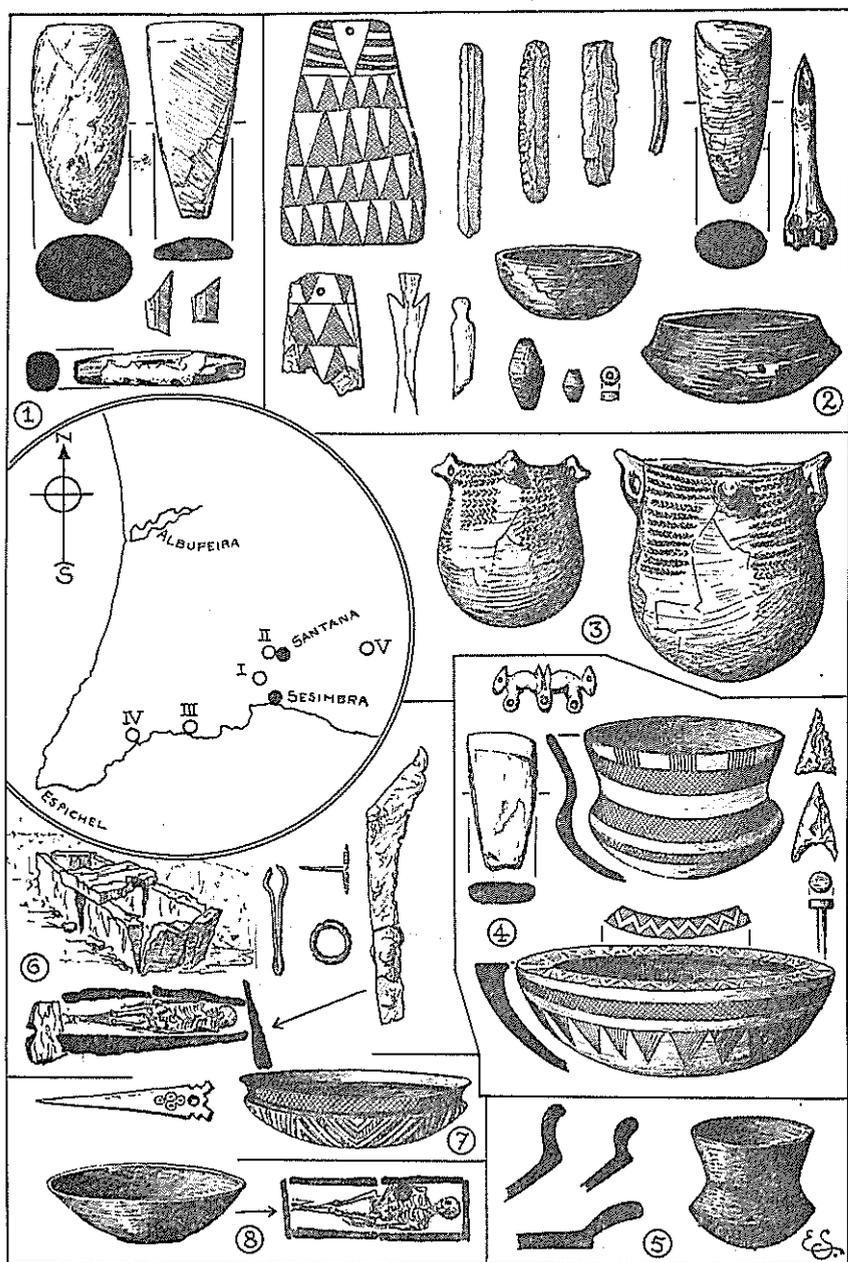
Uma vez demonstrado, pela descrição sumária dos diversos conjuntos arqueológicos, que as investigações efectuadas pelo «Centro de Estudos de Etnologia Peninsular» preencheram alguns vazios da pré-história recente e da proto-história da região de Sesimbra, resta-me citar os principais achados e identificações, resultantes da mesma iniciativa, relativos aos tempos históricos, quase exclusivamente à idade média.

O *Castelo de Sesimbra* e a *Lapa do Fumo* forneceram quase todos os documentos dessa idade, uns atribuíveis à época da ocupação muçulmana, outros aos primeiros tempos da monarquia portuguesa.

Ocupação muçulmana — A cerâmica arábica proveniente do Castelo é, até hoje, o único espólio que, com segurança, nos transporta nesse local aos tempos da Sesimbra muçulmana, sendo especialmente de estranhar que nunca tivesse aparecido uma única moeda árabe nas várias sondagens que aí efectuei. Porém, na Lapa do Fumo encontrei 80 quirates que, depois de gentilmente estudados pelo Ex.^{mo} Sr. Prof. Joaquim Figanier, forneceram valiosas indicações que constam de uma comunicação que o ilustre arabista fez, em 21-6-1957, à Academia Portuguesa da História. As moedas mais curiosas são 10 quirates de Ibn Uazir que foi senhor de Beja, Évora e Silves, cunhadas nesta última cidade, facto que revelou a existência de uma segunda oficina monetária dos muçulmanos no território que havia de ser português, porque a única até há pouco conhecida era a oficina de Mértola.

Época medieval portuguesa — É extraordinária a quantidade de antiguidades fornecidas pelo Castelo que se podem atribuir a esta época: sepulcros, cerâmica, moedas, armas e muitos outros restos dos mais variados utensílios, peças de jogos, objectos de adorno, etc. O seu estudo minucioso levar-nos-ia a um trabalho de grande fôlego, para o que seria até necessário, em muitos aspectos, a intervenção de especialistas. É este o caso das moedas medievais portuguesas, por exemplo, que têm aparecido às centenas e estão sendo gentilmente estudadas pelo arqueólogo e numismata Ex.^{mo} Sr. Dr. Ricardo Belo.

A identificação e estudo da cerâmica, representada por grande quantidade de exemplares e variedade de tipos, é uma tarefa difícil em resultado da deficiência de elementos de consulta e de comparação de que disponho. Na realidade, a cerâmica medieval portuguesa tem sido



I — Castelo de Sesimbra; II — Necrópole de Casalão; III — Lapa do Fumo; IV — Lapa do Bugio; V — Necrópole de Calhariz.

1 — Materiais de uma cultura atribuível ao neo-eneolítico; 2 — Cultura das antas alentejanas; 3 — Cerâmica de uma cultura ante-campaniforme. 4 — Cultura ibero-sahariana do Bronze Mediterrâneo I; 5 — Cerâmica de bronze argárico; 6 e 7 — Ferro; 8 — Sepulcro e cerâmica da Necrópole de Calhariz.

relegada para um plano secundário, em resultado do maior interesse que sempre despertaram as cerâmicas de épocas anteriores, mas afigura-se-me merecedora de grande atenção e estou certo de que os exemplares do Castelo de Sesimbra muito contribuirão para esclarecimento das lacunas existentes neste capítulo da arqueologia nacional.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1958.

RÉSUMÉ

Pendant l'été de 1955, en qualité de collaborateur du «Centro de Estudos de Etnologia Peninsular», dont le président est le Prof. MENDES CORRÊA, j'ai initié dans la région de Sesimbra, une série de recherches archéologiques, sur invitation de la Municipalité et de la «Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra».

Jusqu'à cette date, on connaissait dans cette région quelques gisements paléolithiques, étudiés, à la fin du siècle dernier, par le géologue CARLOS RIBEIRO et récemment par les Profs. H. BREUIL et G. ZBYSZEWSKI et, sur les bords de «Lagoa de Albufeira», des «Kiökkenmööddinger» que CARLOS RIBEIRO avait considérés comme néolithiques. Les vestiges de cultures plus modernes préhistoriques ou proto-historiques semblaient manquer ce qui n'était pas naturel dans une région comme celle-ci, située à proximité des embouchures du Tage et du Sado où, entre autres, deux importants foyers de l'Énéolithique péninsulaire, influencés par la culture du vase caliciforme, étaient connus depuis très longtemps.

Après les investigations que j'ai faites, il m'a été possible d'identifier quelques stations: nécropoles de Casalão — Santana — et de Calhariz; Grottes de Fumo et de Bugio — cette dernière, découverte par RAFAEL MONTEIRO —. Ceci montre que la région a été habitée par des peuples possédant les cultures des derniers temps préhistoriques et des temps proto-historiques, marquées par des ensembles archéologiques bien définis par leur typologie et leurs conditions de gisement.

On peut attribuer les ensembles les plus primitifs au *Neo-énéolithique* — Grotte de Fumo —, mais il y en a d'autres plus évolués, dont les matériaux, comprenant de très nombreuses plaques-idoles de schiste, sont semblables à ceux de la *culture dolménique d'Alentejo* — Fumo et Bugio —.

Dans un coin de la Grotte de Fumo, j'ai trouvé deux vases ayant la forme de sac et portant une décoration incisée, semblables à ceux qui, à Oíelas, se trouvent seulement dans les couches inférieures à celles de la culture caliciforme. Mais, en d'autres points de cette Grotte et à Bugio, j'ai aussi trouvé le vase caliciforme et la tasse du type «Palmela» associés à des ensembles très évolués qui accusent la *culture ibero-saharienne du Bronze Méditerranéen I*, et dans les couches superficielles de la Grotte de Fumo, des morceaux de poterie du *bronze argarique* et peut être aussi de *l'âge du fer*.

La nécropole de Casalão (Santana) constituée par des sépultures en pierre, contient des matériaux attribuables à *l'âge du fer*; et celle de Calhariz (pas encore explorée) est, peut-être, un *cimetière luso-romain*.

La plus remarquable trouvaille appartenant aux temps historiques est celle de

80 monnaies arabes que j'ai recueillies dans la Grotte de Fumo. L'étude effectuée par le Prof. JOAQUIM FIGANIER a révélé, grâce à plusieurs d'entre elles l'existence d'une fabrique de monnaies à Silves (Algarve) pendant la domination musulmane — époque de Ibn-Uazir.

Les poteries du Moyen Âge, arabe et portugaise, trouvées dans le chateau de Sesimbra, forment une remarquable collection, tant par la quantité comme par la variété des exemplaires.

SUMMARY

In the Summer of 1955 as a collaborator of the «Centro de Estudos de Etnologia Peninsular» of which Professor MENDES CORRÊA is President, I was invited by the «Câmara Municipal» and «Liga dos Amigos do Castelo de Sesimbra» to carry out a serie of archaeological researches in that district.

Till then, palaeolithic sites examined by the geologist CARLOS RIBEIRO and lately by Professors H. BREUIL and G. ZBYSZEWSKI were well known in that district and, on the banks of Albufeira Lagoon, some «Kjökkenmöddinger» with C. RIBEIRO considered of the Neolithic period. Concrete remains of the settlement of other peoples of posterior prehistoric and proto-historic cultures were lacking and it was not natural that the district should be uninhabited, chiefly during the period, when so near, in the mouth of Tagus and Sado two important phocus of full eneolithic period influenced by the culture of bell-beaker, flourished.

As a result of the investigations I made, I was able to identify necropolis — Calalão and Calhariz — and Caves (Fumo Cave and Bugio Cave — the latter discovered by RAFAEL MONTEIRO) that show us that the district of Sesimbra was inhabited by people of varied cultures marked by archaeological groups which are easily distinguishable by their typology, stratigraphy, etc.

The earliest groups may be attributed to the neo-eneolithic — Fumo cave — but there are other groups more developed whose finds, among which abound slate idols, are similar to the culture of «Antas Alentejanas».

In a corner of the Fumo cave I found two sack-shaped vases with impressed decoration, like the ones that at Olelas, only appear in the lowest layers of bell-beaker culture. But in other places in the same cave and in Bugio cave there also appeared the bell-beaker and the Palmela bowl accompanied with more perfect artifacts of the «ibero-saharian» culture.

In the upper layers of Fumo cave there appeared bronze age (argaric) and iron age pottery. The necropolis of Casalão, — Santana, — formed by stone tombs had implements belonging to the iron-age and the one of Calhariz, not yet explored, seems to be a Luso-Roman cemetery.

From historic times I must point out a set of Arabian coins found in Fumo-cave which, after having been examined by the arabist expert Prof. JOAQUIM FIGANIER, showed the existance of a mint in Silves during the Moorish occupation — epoch of Ibn Uazir.

The Arabian and Portuguese medieval pottery found in the «Castle of Sesimbra» forms a famous collection on account of the quantity and variety of specimens.